

O MOVIMENTO HUMANO COMO COERÇÃO E EMANCIPAÇÃO: UM OLHAR DESDE A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS

ALVARO ADOLFO DUARTE ALBERTO
ANTONINO CEZAR LEITE LOBATO
RAIMUNDO BARBOSA DE SOUZA
Universidade Federal do Amapá-Macapá/Brasil
alvaroduarte@unifap.br

INTRODUÇÃO

Muito do que conhecemos sobre o Movimento Humano são análises de estudos da biomecânica, fisiologia, anatomia entre outras, mas pouco sabemos sobre o Ser que se movimenta, ou, sobre o movimento como diálogo com o mundo.

Considerando as possíveis contribuições da Teoria da Ação Comunicativa do sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas, onde o mesmo defende a emancipação e a liberação dos sujeitos por meio do discurso argumentativo, buscaremos neste ensaio encaminhar algumas reflexões no sentido de explorar as possibilidades de estabelecer um diálogo do Movimento Humano com o mundo inscrito. Compreendendo, sobretudo, que nas Ciências dos Esportes/Educação Física, ocorre a compreensão do Movimento Humano como a própria expressão do Ser para sua emancipação.

Neste sentido, as contribuições desta teoria, julgamos fundamentais por desenvolver um conceito de racionalidade baseada no diálogo, simbolicamente mediada, que libera os sujeitos das situações coercitivas, tornando-os capazes de emancipação com vistas a construir uma verdade coletivamente elaborada e socialmente aceita.

Assim este texto, apresenta uma reflexão sobre o Movimento Humano, objeto de estudo das Ciências dos Esportes/Educação Física, a partir da cultura de movimento pelos parâmetros da eficiência física e/ou técnica, no esporte moderno. Nesta perspectiva funcional, as áreas de conhecimentos contribuem só para as mudanças internas que ocasionam movimentos mais velozes, mais resistentes, mais coordenados, e mais fortes. Em contraposição a esta compreensão técnica instrumental do Movimento Humano que objetiva adaptar e ajustar pessoas apresentamos também o Movimento Humano em uma perspectiva dialógica, entendido como uma conduta de atores em uma referência sempre *pessoal situacional*.

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O MOVIMENTO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

Os estudos sobre Movimento Humano, atualmente vêm priorizando as análises da biomecânica, fisiologia, anatomia entre outras, secundarizando a dimensão ontológica do ser humano que se movimenta. O esporte, a ginástica, a dança e as lutas, através das Ciências dos Esportes/Educação Física buscam cada vez mais a técnica da efetiva realização de movimentos sobre a quantidade e qualidade no alcance de uma melhor eficiência física e/ou técnica. Segundo Kunz (2003, p.196), se contrapondo à compreensão técnica instrumental do Movimento Humano que objetiva adaptar e ajustar pessoas nos diz:

Poder movimentar-se é uma das formas mais fundamentais e importantes dadas ao homem. O homem ao movimentar-se descobre seu potencial, sua riqueza de mundo e, é com o movimentar-se que se opera as transcendências de limite entre o Mundo e Eu.

Assim é possível então perguntar-nos: como desenvolver mais conhecimentos que vão além do campo da complexidade biopsíquica em direção às particularidades do Ser Humano que se movimenta enquanto diálogo com o mundo, com os outros e consigo mesmo?

Como ponto de partida, propomos verificar a possibilidade de estabelecer um diálogo do Movimento Humano com o mundo inscrito, sobretudo nas Ciências dos Esportes/Educação Física, que volte a encaminhar as dúvidas na compreensão do Movimento Humano como a própria expressão do Ser para sua emancipação.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

Jürgen Habermas (1929) é um filósofo e sociólogo alemão contemporâneo, que tem seu nome associado à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, cujos principais representantes são Adorno (1903-1969), Marcuse (1898-1979), Horkheimer (1895-1973) e Benjamín (1892-1940). O pensamento desses filósofos resulta pela crítica radical à sociedade industrial moderna. Com o processo de modernização passou a prevalecer nas sociedades industriais uma forma de racionalidade: a racionalidade instrumental.

Essa racionalidade se define pela organização de meios adequados para alcançar determinados fins ou pela eleição entre alternativas estratégicas com vistas à consecução de objetivos. Habermas compartilha dessa crítica. Não permanece, no entanto, por enquanto da negatividade, mas tenta salvar a razão da perplexidade e do pessimismo. Ao repensar a idéia de razão e racionalização, Habermas procura superar as oposições que transpassam a cultura contemporânea, como: modernidade versus pós-modernidade, racionalismo versus relativismo, universalismo versus contextualismo, subjetivismo versus objetivismo, humanismo versus 'morte do homem', etc. Habermas procura superar o conceito de racionalidade instrumental, ampliando o conceito de razão, para o de uma razão que contém em si as possibilidades de reconciliação consigo mesma: a razão comunicativa.

DA RACIONALIDADE INSTRUMENTAL À RAZÃO COMUNICATIVA

Na sua Teoria da Ação Comunicativa Habermas (1987, 1989) concebe as sociedades modernas compostas por dois mundos: o mundo sistêmico e o mundo da vida. O mundo sistêmico inclui os subsistemas econômico e político e é considerado válido e necessário para assegurar a reprodução material e institucional. O mundo da vida é considerado o "habitat" natural dos espaços societários das instituições sociais como a família, associações de bairro, comunidades de base, sindicatos, e das organizações culturais, artísticas e científicas (FREITAG, 1985).

O mundo sistêmico se orienta pela ação instrumental ou estratégica, sob a forma de ação técnica que aplica racionalmente, meio para a obtenção de fins, através do uso do poder econômico e político. O objetivo central do mundo sistêmico é o sucesso, o fato, a dominação. Já o mundo da vida tem como objetivo o entendimento e se orienta pela ação comunicativa, que é a interação lingüisticamente mediada, que possibilita pensar e analisar as relações sociais cotidianas, espontâneas e padronizadas. Postula o atuar/ação com base no entendimento mútuo, possibilitando expressão, via linguagem, a sentimentos, expectativas, desaprovações, buscando o entendimento e o bem fazer o papel de cada um e de todos.

Para Habermas (1987,1989), estes dois mundos se penetram reciprocamente e dependem, em princípio, um do outro. Mas ele denuncia, como uma das patologias da modernidade, a colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico. A estratégia de ação instrumental do mundo sistêmico vai invadindo os espaços do mundo vivido, desalojando e expulsando a ação comunicativa. Os valores cultuados no mundo sistêmico como poder, dinheiro, prestígio, sucesso, vão "contaminando" o mundo da vida e desacreditando os valores familiares, comunitários, das relações sociais.

A Teoria da Ação Comunicativa defende a descolonização do mundo vivido, postula a contestação do mundo sistêmico em espaços rigorosamente delimitados, posto a serviço do mundo da vida e a restauração, da sociabilidade, da espontaneidade, da solidariedade e da cooperação, com base na ação comunicativa.

Na sua Teoria da Ação Comunicativa, Jürgen Habermas parte do princípio que os homens são capazes de ação e, para tanto, se utiliza da linguagem para se comunicarem com seus pares, buscando chegar em um entendimento. Conforme as palavras de Habermas (1997, p.418):

Chamo ação comunicativa aquela forma de interação social em que os planos de ação dos diversos atores ficam coordenados pelo intercâmbio de atos comunicativos, fazendo, para isso, uma utilização da linguagem (ou das correspondentes manifestações extra verbais orientada ao entendimento). À medida que a comunicação serve ao entendimento (e não só ao exercício das influências recíprocas) pode adotar para as interações o papel de um mecanismo de coordenação da ação e com isso fazer possível a ação comunicativa.

A idéia da razão instrumental clássica é reformulada em termos da razão comunicativa, através de relações intersubjetivas, nas quais pela interação de dois ou mais sujeitos, os mesmos buscam entender-se sobre determinado assunto ou objeto, com o fim de compreendê-lo.

Das relações intersubjetivas é que se permite discernir a universalização dos interesses em uma discussão. É exatamente neste ponto, que o fundamento de uma ética da discussão exige a reconstrução de um espaço crítico, aberto e pluralista. Assim, a racionalidade passa a ser vista como uma fonte inspiradora nas ações humanas, visando à emancipação dos homens e a um maior entendimento do mundo.

Pensando assim, a linguagem se volta um ponto de destaque na sua teoria. Podemos considerar a linguagem, como toda e qualquer forma de comunicação que pode transformar ou modificar o comportamento. Seriam todos os estímulos que o meio transmite e que nos influencia de alguma maneira. Habermas (1987, p.378), se justifica ante o fato de ter aprofundado questões referentes à linguagem:

[...] O que nos eleva em cima da natureza é a única coisa cuja natureza podemos conhecer — “a linguagem”. Pela sua estrutura, a autonomia e a responsabilidade nos são dadas. Nossa primeira frase expressa de forma inequívoca a intenção de um consenso universal e sem limites [...] só em uma sociedade emancipada, realizadas a autonomia e a responsabilidade de seus membros, a comunicação poderia desenvolver-se no diálogo não autoritário e universalmente prático do qual derivam sempre, implicitamente, tanto nosso modelo de ego identidade, reciprocamente constituído, como nossa idéia de um consenso autêntico. Nessa medida a verdade das proposições se embasa na antecedência da boa-vida.

Neste contexto a linguagem, segundo a visão habermasiano, é concebida como o elo de interação entre os indivíduos como forma de garantir um processo democrático nas decisões coletivas, onde através de argumentos e contra argumentos, livres de coerções, os sujeitos buscam conseguir acordos.

Assim, tanto no mundo da vida, quanto no mundo sistêmico, são necessárias situações de fala para o estabelecimento das comunicações entre os sujeitos envolvidos, sustentando a mobilização para as ações desenvolvidas nas várias dimensões de nosso cotidiano. Toda

situação de fala gera expectativas de validade, isto é, todo locutor pretende que seus argumentos convençam o interlocutor.

Um outro aspecto importante é quanto às situações de fala geram objeções, se estabelece a perturbação do consenso. A objeção geradora desta perturbação pode repousar em dúvida de uma ou mais expectativas de validade (compreensão, veracidade, verdade, validade). As expectativas de verdade ou validade, pelas suas contundências, necessitam que a argumentação seja interrompida e que se busquem comprovantes, no discurso teórico ou prático, dos erros quanto às pretensões de verdade ou validade na fala do locutor.

Ao elaborar a Teoria da Ação Comunicativa, Habermas parte de uma filosofia que trata do ser humano, enquanto sujeitos ou atores de linguagem e que são movidos para a compreensão dos feitos a inclinação dos três mundos: o mundo objetivo (como o conjunto de todas as entidades sobre as quais são possíveis enunciados verdadeiros); o mundo social (como o conjunto de todas as relações interpessoais codificadas por regras); e o mundo subjetivo (como o conjunto das experiências vividas às quais o falante tem um acesso privilegiado).

Para Habermas (1987), os participantes da comunicação baseiam seus esforços de entendimento mútuo em um sistema de referências composto exatamente desses três mundos. Mesmo que, não na mesma intensidade, esses três mundos se relacionam de uma maneira muito estreita frente às pretensões que estão em evidência nas interações sociais.

No entanto, é o mundo da vida que contribui para que os sujeitos cheguem a um entendimento sobre estes três mundos a que se referem uns atos de fala. Estes correspondem, respectivamente, às tradições culturais, aos ordenamentos sociais e às estruturas de personalidade, que Habermas põe como os componentes básicos ou estruturas básicas do mundo da vida que são a cultura, a sociedade e a personalidade.

O MOVIMENTO HUMANO ESPETACULARIZADO PELO ESPORTE MODERNO

O esporte moderno segundo Elias & Dunning (1992), surge na Europa em meados do século XVIII em uma sociedade que possuía condições específicas e características únicas que contribuíram para sua gênese e ascensão. Os aspectos principais do esporte no palco contemporâneo são a especialização, a procura de rendimento e a mercantilização.

Com estes aparatos, o esporte se transforma a cada dia em um fenômeno transnacional, que envolve diferentes classes, raças e crenças, despertando paixões e emoções diversas. Nas relações construídas dentro do espaço esportivo atual de alta competitividade, se percebe que os elementos racional, mercantil e espetacular (apresentação teatral) se voltam cada vez mais presentes, responsabilizando-se, assim, por parte substancial da dinâmica das relações do campo esportivo.

O esporte de alta competitividade é o esporte espetáculo de rendimento transformado em mercadoria. Esporte de rendimento é, pois, aquele que tem o fundamento de sua atividade centrada na finalidade de obter resultados, o que equivale a dizer obter resultados provenientes dos mais altos rendimentos. Nesse caso, o objetivo do esporte de alto rendimento converge para os *records* e as vitórias, consubstanciando a idéia que esporte é rendimento.

Assim, o Movimento Humano produzido pelo esporte se torna espetacularizado. Para Guttmann (2004), tudo isso se traduz pela busca da eficiência atlética, quantificada com exatidão matemática, acontece sob uma base organizacional burocrática e forte especialização de funções. Dentro de uma análise crítica, o autor mostra o surgimento do fenômeno do *record* associado ao forte desejo e crença na idéia do progresso linear. Resulta, pois, segundo o autor, da combinação do impulso de quantificar com o desejo de ganhar, de exceder-se, de ser o melhor.

O esporte de alto rendimento está associado aos grandes espetáculos conexo à dimensão econômica, impulsionado pela revolução tecnológica da “era da informação” na “alta modernidade”. É o que Habermas (1987, 1989) na sua Teoria da Ação Comunicativa concebe

de mundo sistêmico que inclui os subsistemas econômico e político e é considerado válido e necessário para assegurar a reprodução material e institucional. A dinâmica implementação do esporte moderno levanta questões inerentes à modernidade e corresponde a formas institucionais nela presente, em conjunto com seu universo de fragmentação e dispersão do Movimento Humano transformando-lhe em espetáculo esportivo convertendo-lhe em mercadoria e posterior venda.

Assim, o Movimento Humano espetacularizado se orienta pelo mundo sistêmico da ação instrumental ou estratégica, sob a forma de ação técnica que aplica racionalmente, na obtenção de fins, o uso do poder econômico e político. O objetivo central do mundo sistêmico é o sucesso, o fato, a dominação, a coerção.

Explorar a forma espetacular do esporte é negar seus valores que possibilitem pensar e analisar as relações sociais cotidianas, espontâneas e buscando o entendimento e o bem fazer o papel de cada um e de todos.

O caráter espetacular da vida moderna passou a impregnar todas as esferas da relação humana e o esporte, em particular, se adequou de forma patente.

Enfim, o Movimento Humano no esporte moderno segue, portanto, o princípio da racionalização, em razão da instrumentalização racional, utilizando-se somente dos estudos da biomecânica, fisiologia, anatomia, entre outras, negando o Ser que se movimenta, ou, sobre o movimento como diálogo com o mundo.

O Movimento Humano tem a capacidade de produzir novas práticas movidas pela criação de novos valores. No universo esportivo, a primazia da aparência é um fato, demonstrada pela aptidão para mostrar habilidades físicas, as quais envolvem os movimentos corporais, como as principais ferramentas de trabalho do esportista, objeto totalmente visível.

Os movimentos corporais são trabalhados e desenvolvidos por grupos de especialistas que buscam desenvolver movimentos ascendentes para uma exposição das habilidades corporais sob a base da simulação, e é nesse sentido que o esporte constitui, nas palavras de Wacquant (2002), “arte social”.

O mundo do sistema, exemplificado aqui pelo Movimento Humano no esporte moderno, armado de uma razão instrumental científica, submeteu o mundo da vida por meio da dominação livre e sem impedimento, pela ausência de uma ética reguladora das ações na vida das sociedades, por isso, Habermas propõe um reacoplamento entre esses dois sistemas desligados (FREITAG, 1990, p. 30).

Para Habermas (1989), o caminho dessa reconstrução intersubjetiva passa pela mudança do paradigma da modernidade centrado no “Eu” egoísta, individualista e único, que domina sobre objetos, natureza e pessoas como se fossem coisas. A modernidade, sempre negou a existência do “Outro”, permitindo a dominação dos “Outros” diferentes. Por isso, ele propõe um novo paradigma, capaz de reunir o que está fragmentado pela patologia da razão. É a possibilidade de reconstrução do todo destroçado pela totalidade totalitária do sistema.

Este novo paradigma, centrado na linguagem intersubjetiva de diferentes sujeitos, possibilita reatar para a comunidade as questões da justiça, do dever, da verdade e da liberdade. Pois além do elemento cognitivo instrumental a racionalidade comunicativa permite integrar também os elementos prático moral e estético expressivo.

Neste paradigma da linguagem, a racionalidade comunicativa se efetiva mediante uma ação comunicativa, na qual se elaboram estruturas capazes de dar um sentido comum aos sujeitos comunicativos através do relacionamento entre o mundo da vida e a teoria da sociedade.

O Movimento Humano, nessa perspectiva, é entendido como uma conduta de atores em uma referência sempre *pessoal situacional*. Portanto, isso só pode ser um acontecimento relacional, dialógico. A compreensão de diálogo neste contexto leva ao entendimento que nesta conduta é considerado um sujeito que se relaciona a algo exterior a ele. Eu me comporto dialogicamente com algo exterior a mim pelos meus movimentos. Eu ofereço uma resposta ao que me é interrogado e recebo respostas a minhas interrogações.

Estas respostas se realizam quando me movimento, conferindo ao diálogo uma significação subjetiva e objetiva. Neste diálogo, pelo Movimento Humano, se constitui um mundo, um mundo no seu "ser assim" para mim, isto é, nosso mundo subjetivo.

Para constituir-se uma estrutura dialógica no Movimento Humano existe uma intencionalidade. A intencionalidade no movimentar-se, é para (Gordijn, *apud* Trebels, 2003) uma intencionalidade com direcionamentos ao mundo e que é da inerência humana. A relação dialógica surge justamente desta intencionalidade encaminhada, mas, que é mutuamente condicionada, isto é, relações dialógicas não se estabelecem com só um sujeito, mas de sujeitos com objetos e objetos com sujeitos.

Portanto, as relações nas ações de movimento que queremos entender como dialógicos são constituídos e que por sua vez vai oferecer a configuração final aos movimentos e que só pode ser interpretado e confiscado no plano *pessoal situacional*. Isto pode ser verificado nos mais variados exemplos de movimento como: o saltar; crianças brincando; subir uma escada. Nestes exemplos, é muito mais interessante observar e respeitar as significações que se estabelece na realização de movimentos de modo *pessoal situacional* dialógico, que as tipificações do Movimento Humano como são apresentadas nos esportes modernos espetacularizado.

Movimentar-se é a forma de ação original do ser humano, por meio da qual ele se remete ao mundo, e na qual – como ação – constrói a si como sujeito e o mundo como sua imaginação: “movimentar-se é, junto com o pensar e falar, entre outras ações, uma das múltiplas formas, nas quais a unidade primeira do ser humano com o mundo se manifesta”. (TAMBOER, *apud* TREBELS, 2003, p.260).

Por último, um entendimento dialógico do Movimento Humano significa dizer que atividades esportivas padronizadas do contexto sociocultural negam um processo do movimentar humano, na constituição de momentos construtivos das situações de movimento e não, como muitas vezes são entendidas, enquanto atos com erros, ou movimentos praticados erroneamente. Além disso, podemos propor então uma mediação pedagógica pela intenção de movimento. A intervenção do professor não deve ser posta como um modelo a ser seguido, oferecendo respostas concretas na forma de movimentos rápidos e acabados, mas auxiliar os alunos a alcançarem os significados dos movimentos que realizam; além disso, o sentido do ensino nestas classes está relacionado à transformação destes movimentos em novas formas que individualmente possam ser desenvolvidas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Humano apresenta como preceito fundamental a comunicação entre o Ser e o mundo. Ato com que o inclui na categoria mundo da vida. Dentro desta visão, o Movimento Humano nas suas mais diferentes manifestações é identificado pelas suas ações pautadas no atuar comunicativo e não no atuar estratégico.

O sentido das classes de Educação Física (ginástica, esportes, dança, lutas), não está tanto em assegurar determinadas formas acabadas de Movimento Humano, mas auxiliar os alunos a alcançarem os significados dos movimentos que realizam; além disso, o sentido do ensino nestas classes está relacionado à transformação destes movimentos em novas formas que individualmente possam ser desenvolvidas. No campo das Ciências dos Esporte/Educação Física, na qual é dominante o conceito mecanicista de movimento a acuidade de um atuar comunicativo se volta essencial e a capacidade argumentativa de cada ser humano tem a oportunidade de desenvolver-se plenamente.

Habermas (1983), pela Ação Comunicativa diz que a finalidade do indivíduo é emancipar-se, ao falar da liberdade para discutir e transformar seu mundo social. Assim, esta será mobilizadora de ações sociais, motivadas por uma profunda liberdade e compromisso ético interno.

Portanto, há uma urgência em aprofundar conhecimentos nas ditas Ciências dos Esportes/Educação Física, dentre os quais, a temática do Movimento Humano, provavelmente, deve ser a mais importante. O entendimento que Movimento Humano já encerre em si um potencial dialógico com o mundo ganha relevância. O envolvimento em situações de movimento em que a relação dialógica permite uma mudança na "visão de mundo" dos envolvidos e com isto mais uma percepção real que é o mundo, os outros e eles próprios.

Assim, poderíamos esperar das Ciências dos Esportes/Educação Física a formação de uma visão de mundo autêntico e crítico pelos alunos. E nisto, acho que as Ciências dos Esportes/Educação Física compreendendo o Movimento Humano como linguagem na interação com o mundo teria, inclusive, melhores oportunidades à formação educacional crítica e emancipada com seus alunos, que outras disciplinas escolares na atualidade.

REFERENCIAS

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREITAG, Bárbara; ROUANET, Sergio Paulo. **Habermas: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1990.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e Hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer**. Porto Alegre: L&PM, 1987a.

_____. **Teoría de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987b.

_____. **Teoría de la acción comunicativa II: Crítica de la razón funcionalista**. Madrid: Taurus, 1987c.

_____. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KUNZ, Eleonor. **Formação profissional em educação física: revisões e alienações**. In: MOTRIVIVÊNCIA. Santa Catarina: UFSC, ano XV, n.20-21. Dez, 2003. p.189-197.

_____. **KINEIN: o movimento humano como tema**. Disponível em <http://www.kinein.ufsc.br/edit01/artigo1.pdf>. Acesso em: 15/04/09.

TREBELS, Andréas H. **Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano**. In: PERSPECTIVA. Florianópolis, v.21, n.01, Jan./Jun.2003. p. 249-267.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.